

Na fogueira da exclusão e da miséria

O GLOBO 06 NOV 1999 P. 7

ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES

Ainda num cenário marcado pelo crescimento do socialismo utópico, a defesa do *laissez-faire*, cristalizada na crença do poder da "mão invisível" do mercado, levantou a possibilidade de encontrar-se uma solução efetiva para o milenar problema da pobreza. Em "A riqueza das nações", Adam Smith apregoava que, deixado à própria sorte, ao livre confronto dos fatores de produção, o mercado seria capaz de encontrar soluções para todos os problemas vividos pela sociedade.

Traduzindo a lógica da mão invisível, poder-se-ia dizer, em termos de expectativas, que aqueles que ganhavam pouco, para mudar de situação e aumentar os seus rendimentos, teriam aí um estímulo para produzir mais e melhor e buscariam maior eficiência. Os desempregados aceitariam menores rendimentos e teriam emprego e, uma vez empregados, trabalhariam mais para ganhar mais. Os produtos caros, rejeitados pelo consumidor e encalhados, gerariam prejuízos a quem os produziu, num primeiro momento, para, num segundo momento, serem vendidos a preço baixo, na busca de uma remuneração mínima aos fatores de produção.

O produto muito desejado e escasso, por ser escasso seria caro e por ser caro remuneraria muito bem a quem os produzisse num primeiro momento. Depois, muitos passariam a produzi-lo, atraídos pelos bons rendimentos e, mais adiante, a fartura na produção e consequentemente o baixo preço que beneficiaria o consumidor se manifestariam.

No médio e longo prazos, tudo no mercado tenderia a um ponto de equilíbrio, satisfazendo todos os lados. O livre mercado seria, assim, capaz de gerar o bem-estar para todas

as camadas da população. Nações inteiras esperaram em vão pelo milagre a ser operado pela mão invisível de Smith. E ela nunca atuou, nunca operou, jamais se manifestou da forma como fora imaginada.

Quando Marx escreveu o Manifesto do Partido Comunista, havia trabalhadores nas minas de carvão da Inglaterra que passavam anos a fio sem ver a luz do sol, numa situação de escravidão absoluta e da mais indigna pobreza. A partir do advento do socialismo científico, criado por Marx e Engels, reacendeu-se em todo o mundo a esperança de se ter, finalmente, o desenvolvimento e a prosperidade democratizados e acessíveis a todos.

Da revolução industrial iniciada na Inglaterra para cá, o mundo sofreu muitas transformações. Mais tarde, o socialismo, com sua marca na Revolução russa de 1917, também conquistou mentes e corações e alastrou-se por vários países. Entretanto, nem o capitalismo nem o socialismo conseguiram criar um modelo político-sócio-econômico capaz de garantir desenvolvimento, prosperidade e bem-estar para as nações e para todas as famílias.

Apesar das boas intenções, o socialismo, tendo como paradigma a União Soviética, acabou sendo corroído por uma burocracia estatal patológica, pelo desestímulo à produtividade e à inovação, como também pela mão de ferro da intolerância de qualquer ditadura. A "ditadura do proletariado" ansiada por Marx, na prática, não se tornou nem um pouco menos cruel nem menos vil ou menos autôfaga que as outras ditaduras. A lição que ficou da História é que toda ditadura é perigosa, não importa se de direita ou de esquerda (se é que essas direções ainda fazem algum sentido na política).

A outra lição histórica diz que o

mercado sozinho não resolve o problema da pobreza e nem todos os problemas vividos por uma sociedade. A História mostrou-nos árduas soluções para o nosso dia-a-dia.

O socialismo também falhou na busca de unir o desenvolvimento com a prosperidade para todos. Os reconhecidos méritos da China nesse caminho devem-se muito mais à sabedoria de saber misturar doses de capitalismo num painel socialista do que a uma ideologia específica. E há ainda, por lá, o ruído causado por toda ditadura que, volta e meia, ameaça os objetivos maiores que se quer alcançar.

O seminário promovido pelo PT, intitulado "Caminhos do Desenvolvimento e Combate à Pobreza", do qual participei, foi uma rara oportunidade que se teve no atual cenário de um Brasil hoje deformado por um contingente de 40 milhões de miseráveis de se discutir com lucidez e serenidade este assunto.

Como tirar o país da pobreza? Co-

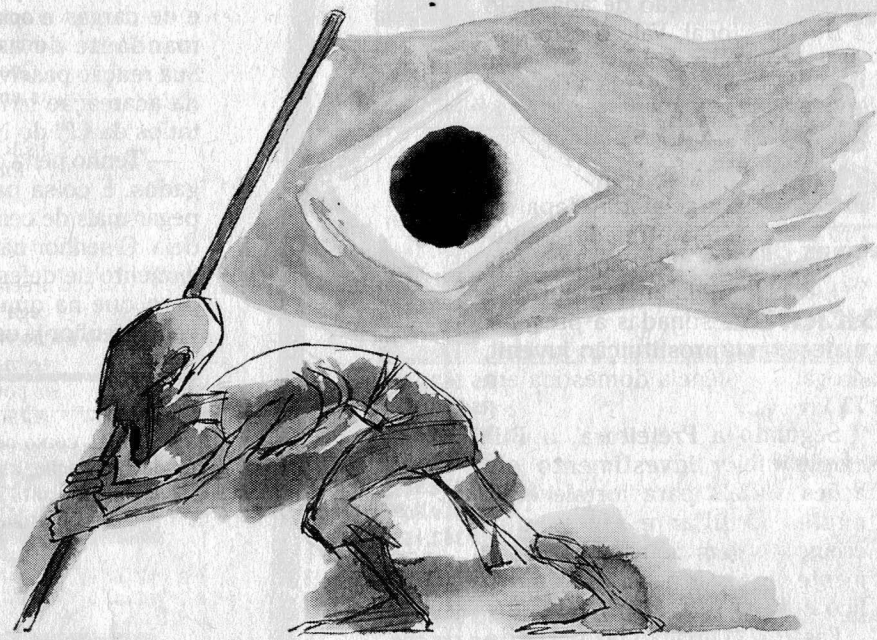
mo reduzir nossos contingentes de excluídos? Como devolver a dignidade a milhões de brasileiros historicamente ignorados?

Se quisermos tirar lições da História, temos de reconhecer que o crescimento econômico sozinho não resolve o problema da pobreza; a estabilidade atenua mas também não a resolve; as livres forças do mercado atuando sozinhas não trazem a solução.

O crescimento da pobreza é hoje um fenômeno mundial, que somente se vem agravando com a chamada globalização, que favorece os detentores do grande capital, os países mais desenvolvidos, e torna a divisão da riqueza ainda mais enviesada e mais perversa, quer no âmbito regional, quer no âmbito pessoal. Países como a Inglaterra, os Estados Unidos e a Itália lutam hoje desesperadamente em busca de uma solução contra o crescimento vertiginoso da pobreza.

Segundo os mais recentes dados

Marcelo



do Banco Mundial, metade de toda a população da Terra, cerca de três bilhões de pessoas, vive hoje com uma renda inferior a dois dólares por dia. Aproximadamente metade destas, por sua vez, encontra-se em estado acentuado de pobreza, subsistindo com menos de um dólar por dia.

No caso do Brasil, a pobreza torna-se mais escandalosa se levarmos em conta o imenso patrimônio dos recursos naturais do país e o seu grau considerável de desenvolvimento econômico, que o coloca como oitava potência industrial do mundo.

É inconcebível que a sociedade brasileira não consiga encontrar uma solução para a dramática situação da pobreza da sua gente. Neste momento crucial de nossa trajetória, todos estão convocados para participar da busca de uma solução efetiva para enfrentar o mais grave problema vivido pelo país.

Disputas partidárias e ideológicas devem ser postas de lado neste grave momento. Carlos Lacerda costumava dizer que "não se pode pedir carteira de identidade a bombeiro, na hora do incêndio". É o nosso caso agora: o Brasil está sendo queimado na fogueira da exclusão e da miséria. Ou nos unimos todos para apagar o mais rapidamente possível esse incêndio, ou mergulhamos o país no caos absoluto e no desmantelamento da sociedade.

Foi pensando nisso que deflagrei, com um projeto pela erradicação da pobreza, um debate nacional sobre o assunto. E estou certo de que desse debate nacional virão com rapidez e presteza resultados concretos capazes de mudar a cara do Brasil, devolvendo a dignidade a 40 milhões de brasileiros.

ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES é presidente do Senado Federal.